

ALÉM DA SUPERFÍCIE: UTILIZANDO “A MÁQUINA PAROU” PARA ABORDAR TEMAS ATUAIS NA GEOGRAFIA

Gustavo Gabriel Garcia

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá
gustavogabriel009@hotmail.com

Henrique Manoel da Silva

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá
hmslepreux@gmail.com

RESUMO: O presente artigo aborda a utilização da obra literária "A Máquina Parou" no ensino de Geografia, explorando questões relacionadas à globalização, tecnologia e relações humanas. A novela escrita por Edward Morgan Forster em 1909 apresenta um cenário distópico em um futuro indeterminado, onde a humanidade vive confinada em um mundo subterrâneo controlado por máquinas e inteligência artificial. O texto discute como a narrativa da obra permite uma reflexão sobre o desenvolvimento econômico e tecnológico, levantando questionamentos sobre seus impactos na sociedade contemporânea. Ao retratar uma realidade em que as pessoas estão constantemente conectadas à internet e dependem da tecnologia para suas atividades diárias, o autor antecipa, de forma surpreendente, muitos aspectos da vida moderna. A obra propicia o debate sobre a dependência humana em relação à tecnologia e como isso afeta as relações interpessoais. Através dos personagens e de suas experiências, são evidenciados os efeitos negativos da virtualização das interações, demonstrando a superficialidade e a falta de conexão emocional entre as pessoas. Ao utilizar "A Máquina Parou" como recurso pedagógico, busca-se estimular o pensamento crítico dos estudantes, ampliando sua compreensão sobre os desafios sociais e ambientais da era contemporânea.

Palavras-chave: : Literatura. Globalização. Tecnologia.

BEYOND THE SURFACE: USING “THE MACHINE HAS STOPPED” TO ADDRESS CURRENT ISSUES IN GEOGRAPHY

ABSTRACT: This article addresses the use of the literary work "A Máquina Parou" in teaching Geography, exploring issues related to globalization, technology and human relations. The novel written by Edward Morgan Forster in 1909 presents a dystopian scenario in an indeterminate future, where humanity lives confined in an underground world controlled by machines and artificial intelligence. The text discusses how the work's narrative allows for a reflection on economic and technological development, raising questions about its impacts on contemporary society. By portraying a reality in which people are constantly connected to the internet and depend on technology for their daily activities, the author surprisingly anticipates many aspects of modern life. The work promotes the debate about human dependence on technology and how it affects interpersonal relationships. Through the characters and their experience the negative effects of the virtualization of interactions are highlighted, demonstrating the superficiality and lack of emotional connection between people. By using "A Máquina Parou" as a pedagogical resource, the aim is to stimulate students' critical thinking, broadening their understanding of the social and environmental challenges of the contemporary era.

Keywords: Literature. Globalization. Technology.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo examinar, cientificamente, a literatura como uma potencialidade a ser investigada dentro do âmbito da ciência geográfica. Ela é considerada tanto uma fonte de pesquisa quanto uma complementação de trabalhos teóricos e, até mesmo uma base a ser considerada para novas pesquisas relacionadas à espacialidade. O enfoque específico deste estudo é apresentar uma reflexão teórica acerca da importância da literatura no ensino de geografia, buscando sua contextualização e problematização.

Para estabelecer a conexão entre literatura e geografia, o trabalho é organizado em duas etapas distintas, mas complementares. A primeira aborda um panorama que explora a relação entre geografia e literatura, e a segunda apresenta a análise da obra "A Máquina Parou", escrita por Edward Morgan Forster, que permite a problematização de temas e conteúdos geográficos.

A intersecção entre Geografia e Literatura é vista como um avanço no campo interdisciplinar, promovendo uma educação mais humanista e crítica. Esse enfoque possibilita aos estudantes aprofundar suas reflexões sobre conceitos geográficos, ao mesmo tempo em que estimula a leitura e a criatividade.

No entanto, é imprescindível recordar que a literatura não se restringe exclusivamente a livros de histórias ou contos, mas transcende essas formas, conforme destacado por Antonio

Candido (2004, p.16): "chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura [...]". Portanto, toda produção artística ou forma de fabulação é uma literatura para o autor, e é dessa maneira que compreendemos a literatura. Nossa abordagem não almeja restringir ou enquadrar o conceito de literatura somente em algumas obras, mas, sim, propõe uma possibilidade de trabalho com esses materiais.

2 UM PANORAMA SOBRE GEOGRAFIA E LITERATURA

A relação entre Geografia e Literatura sempre foi estreita. Os geógrafos positivistas, por exemplo, dedicavam-se a analisar textos literários como uma forma de desvelar os espaços geográficos que eram objetos de estudo. Inclusive, Alexander Von Humboldt dedicou uma parte de seu livro "Kosmos" (1845) à arte e à literatura, conforme mencionado por Fernandes (2013, p. 171).

Desse modo, foi somente no início do século XX que essa relação foi amplamente reconhecida e incorporada, especialmente com o surgimento das análises regionais. A utilização da literatura como instrumento de descrição e referência dos lugares passou a ser vista como um complemento à análise regional, como aponta Oliveira (2018, p. 13). Nesse contexto, destaca-se a contribuição de Paul Vidal de La Blache, que mencionou a presença de elementos geográficos na obra "Odisseia" em um artigo publicado nos "Annales de Géographie" em 1904.

De acordo com Michel Collot (2012, p. 21), a ideia de relacionar a literatura aos estudos geográficos, sejam eles de natureza ou de cunho naturalista, tem como marco o ensaio de Madame de Staël (1766-1817), no qual ela contrastava as literaturas do Norte com as do Sul.

Foi apenas no início do século XX que o termo "geografia literária" foi concebido pela primeira vez. Esse termo surgiu inicialmente em um trabalho publicado na França, intitulado "[...] Esboço de uma geografia literária anexada a um estudo sobre [...] As Literaturas das Províncias". Como mencionado anteriormente, a literatura do início do século XX estava intimamente ligada ao regionalismo dos geógrafos franceses, como observado por Collot (2012, p. 22):

Nas primeiras décadas do século XX, a geografia literária tende a se confundir com o regionalismo, que então estava na moda; há ainda o caso dos trabalhos de Auguste Dupouy, lembrado especialmente pela autoria de uma *Géographie des lettres françaises*, que se inscreve na linha do «Programa de estudos sobre a história provincial da vida literária na França» apresentada por Lanson, em 1903.

A Geografia e a literatura possuem uma relação próxima, uma vez que oferecem meios de compreensão e interpretação tanto dos aspectos objetivos quanto subjetivos que envolvem a espacialidade. Essa espacialidade pode ser tangível, representada pelo espaço concreto, ou imagética, expressa por meio de representações, como ocorre em obras literárias. Dessa forma, a literatura desempenha um papel importante na ampliação do conhecimento relacionado ao espaço geográfico e suas especificidades, enriquecendo os estudos geográficos.

Assim, a literatura teria a prerrogativa de registrar mesmo que indiretamente as experiências e visões que o/a autor/a conserva com a localidade, através da sua percepção, além de descrever objetivamente a localidade no recorte temporal em que foi escrito. O sentido da visão foi extremamente valorizado por este movimento. (OLIVEIRA, 2018, p. 12).

As pesquisas em Geografia relacionadas à literatura ganharam visibilidade significativa a partir dos anos 1970. Esse período foi marcado pelo fortalecimento da corrente de pensamento humanístico e crítico, que passou a predominar nos trabalhos científicos. Nesse contexto, autores como Paul Claval (2008, 2010, 2014), Roberto Lobato Corrêa (2003, 2004, 2007), Armand Frémont (1980) e Michel Collot (2012) desempenharam um papel fundamental no aperfeiçoamento e na fundamentação dos estudos literários nas ciências humanas, incluindo a Geografia.

Esses estudiosos contribuíram para a compreensão das relações entre literatura e espaço, explorando temas como a representação geográfica na literatura, a construção de lugares simbólicos e imaginários, as conexões entre narrativas literárias e contextos socioespaciais, entre outros. Suas pesquisas ofereceram uma base teórica e metodológica sólida para a abordagem geográfica da literatura, permitindo o desenvolvimento de uma disciplina cada vez mais reconhecida e valorizada.

No Brasil, a discussão sobre a literatura no contexto da Geografia Cultural tem ganhado destaque, especialmente a partir dos anos 1970, com base em conceitos fenomenológicos e humanistas. Esses conceitos intensificaram-se nessa época e têm sido adotados como fonte de pesquisa, inclusive na área do ensino. A literatura, que antes era utilizada principalmente como um instrumento para fornecer informações sobre determinado local e cultura, passou a desempenhar um papel mais profundo para os geógrafos com o surgimento da abordagem fenomenológica. Nessa perspectiva, a literatura como expressão do humanismo permite uma investigação aprofundada das temáticas relacionadas à vida e, conseqüentemente, ao espaço onde ela ocorre. O espaço adquire conteúdo e formas subjetivas, deixando de ser apenas um local e se transformando em um "lugar".

Essa abordagem humanista da Geografia desenvolveu-se como uma reação à “evolução da disciplina, que, favorecida pelo avanço dos meios técnicos matemáticos e informáticos disponíveis, tendia a privilegiar uma análise objetiva e abstrata do espaço geográfico em detrimento de sua dimensão humana e sensível” (BROSSEAU, 2007, p. 19).

Assim, a incorporação da literatura na Geografia Cultural brasileira permitiu uma valorização das vivências individuais e das experiências subjetivas dos indivíduos no contexto espacial. A literatura, enquanto expressão artística e humana, desempenha um papel fundamental ao aprofundar a compreensão das dinâmicas sociais, culturais e emocionais que permeiam os lugares.

Trabalho empírico e imaginativo. A literatura possui a capacidade intrínseca de representar o mundo real e, conseqüentemente, o espaço, por meio de descrições detalhadas dos aspectos humanos e naturais. Isso inclui obras de cunho regionalista, como "Grande Sertão: Veredas" de Guimarães Rosa, "Vidas Secas" de Graciliano Ramos, "O Cabeleira" de Franklin Távora, entre muitas outras.

Conforme observado por Brosseau (2007, p. 19), os geógrafos encontram na literatura a melhor expressão da relação concreta, afetiva e simbólica que une o ser humano aos lugares. Por sua vez, os escritores demonstram cada vez mais atenção ao espaço onde se desenvolve a escrita. Essa interação entre Geografia e Literatura permite explorar a complexidade dos lugares, seus significados subjetivos e as relações emocionais estabelecidas pelos indivíduos.

Os estudos geográficos que exploram a interface entre Geografia e Arte têm crescido significativamente nos últimos tempos. Essa abordagem multidisciplinar abrange diversas formas de expressão artística, incluindo literatura, cinema, teatro, arte visual, fotografia e música. Os geógrafos estão cada vez mais interessados em investigar as relações entre essas formas de arte e o espaço geográfico.

Esses estudos podem ser classificados em duas vertentes distintas. A primeira vertente enfoca os aspectos materiais e tangíveis do meio geográfico, abordando questões sociais, ambientais, econômicas, culturais, políticas e ideológicas relacionadas a um determinado lugar. Por exemplo, um geógrafo pode analisar como um filme retrata as desigualdades sociais em uma determinada região ou como uma obra de arte visual representa as transformações ambientais causadas pela urbanização.

A segunda vertente dos estudos geográficos na interface com a arte se interessa pelos aspectos imateriais e subjetivos do espaço. Essa abordagem busca analisar a linguagem, o simbolismo, a afetividade, o sentido, a imaginação e a criação presentes nas manifestações artísticas. Por meio dessa vertente, os geógrafos podem investigar como a literatura, por exemplo, representa a experiência subjetiva do espaço, como a música pode evocar emoções e memórias ligadas a determinados lugares ou como a arte visual pode transmitir simbolismos e significados espaciais.

Marc Brosseau (2007), um renomado geógrafo canadense, argumenta em seus estudos sobre a relevância da literatura para a ciência geográfica. Ele propõe um método dialógico que busca superar a visão instrumental e dicotômica que prevaleceu por muito tempo na relação entre Geografia e Literatura. Brosseau defende que o diálogo entre essas duas disciplinas permite uma reflexão mais profunda sobre a forma como o espaço geográfico é estudado. Ao incorporar a literatura em sua abordagem, os geógrafos são incentivados a ir além das análises meramente objetivas e funcionais do espaço. A literatura oferece uma perspectiva mais subjetiva e subversiva, permitindo a exploração de questões complexas, como identidade, experiência, poder e representação.

Em suma, a maioria dos trabalhos mostra uma utilização transitiva que se apoia em uma concepção instrumental da literatura, segundo a qual sua pertinência

enquanto objeto precisava ser procurada fora dela mesma. É legítimo recorrer a ela em razão de uma finalidade externa: aquilo que ela pode nos ensinar sobre o mundo. Este caráter instrumental – que é difícil de se contornar – repousa, evidentemente, em motivos diferentes, mas as razões frequentemente são as mesmas, servindo as suas respectivas causas: para uns, a literatura serve como fonte de informações; para outros, serve para colocar o homem no centro das preocupações; ou, ainda, para criticar o status quo, tendo em vista uma melhor justiça social (BROSSEAU, 2007, p. 60).

Conforme os escritos do geógrafo Armand Frémont, é possível constatar sua defesa em relação à imprescindibilidade de uma Geografia renovada, que se conecte de forma dialógica com outras disciplinas do conhecimento, pretendendo ampliar suas perspectivas de análise e pesquisa. O autor argumenta que é imperativo romper com as barreiras disciplinares, conforme expresso na seguinte citação:

É uma nova geografia que há que inventar, rompendo ainda divisórias entre disciplinas, com geógrafos abertos à literatura e à arte e homens de letras a par da geografia. As especializações atuais progridem muito pouco neste sentido. Em última instância, a pedagogia do espaço deve ser criativa. [...] sobretudo quando se impõe como objetivo a elaboração de documentos de síntese que fazem apelo a uma certa imaginação, ao mesmo tempo que ao espírito de análise. Mas é preciso ir mais longe, incitar à crítica do que existe, recusar a ordem do “standard”, suscitar a elaboração de projeto que deem aos lugares habitados, aos espaços de reunião, às regiões a viver, as cores e as formas, as necessidades e os sonhos de imaginações jovens. Descobrir o espaço, pensar o espaço, sonhar o espaço, criar o espaço... Uma pedagogia nova para um espaço vivido [...] (FRÉMONT, 1980, p.262).

De acordo com Teixeira (2018, p.10), a literatura desempenha um papel crucial no avanço do conhecimento geográfico, uma vez que contribui para a exploração de questões sensíveis à espacialidade, levando em consideração sua natureza complexa. Ao abordar os elementos humanos por meio da subjetividade cotidiana, a literatura enriquece a compreensão dos processos espaciais.

Essa combinação entre as ciências “duras”, aquelas ditas sociais (alojadas nas Humanidades) e a literatura, que se faz sempre com a máxima liberdade poética e moral (território da arte), é imperiosa hoje, quando as gavetas especializadas tendem a se esfumar e o conhecimento necessita recorrer à integração de todas as fontes disponíveis. (TEIXEIRA, C. 2018, p.10).

A literatura transcende as especializações ao imergir nas complexidades presentes em suas narrativas, colocando o indivíduo no cerne da reflexão. Essa centralidade não implica um antropocentrismo exacerbado, pois o indivíduo está condicionado tanto pelas espacialidades exteriores quanto pelos complexos interiores de natureza subjetiva. Ao mesmo tempo em que o personagem literário desempenha ações, ele também é responsável pelas consequências que, de certa forma, o afetam.

A literatura desperta uma visão holística dos fenômenos, o que é fundamental para os geógrafos que se ocupam da interação entre a sociedade e a natureza, e, por conseguinte, da complexidade resultante dessa interação. “Ciência e literatura, apesar de terem linguagens específicas e métodos próprios, podem ficar valorizadas quando postas em interação, proporcionando diferentes leituras e novas perspectivas de análise” Galvão, C. (2006, p.32).

O teórico Edgar Morin (1991) discute o pensamento complexo e analisa os movimentos ocorridos tanto no pensamento científico quanto no literário ao longo dos séculos. Durante a revolução científica entre 1550 e 1700, a ciência passou por um processo de segmentação e especialização. Um dos principais autores que contribuiu para esse processo foi Descartes (1596-1650), que propôs a divisão entre o sujeito pensante (*ego cogitans*) e a coisa extensa (*res extensa*), o que resultou na separação entre filosofia e ciência. Esse princípio estabeleceu os campos do conhecimento científico, como física, biologia e ciências humanas.

De acordo com Morimoto, C., et al. (2009, p.5), essa separação trouxe consequências para o desenvolvimento da ciência e do pensamento. No entanto, é importante destacar que o pensamento complexo proposto por Morin busca superar essa fragmentação e reintegrar os diferentes domínios do conhecimento, incluindo a ciência e a literatura. O pensamento complexo reconhece a necessidade de uma abordagem mais abrangente e integradora, que considere as interações e interdependências entre os diversos aspectos do mundo, incluindo as dimensões científicas, humanas e literárias.

[...] homem-natureza, espírito-matéria, sujeito-objeto, se completa e passa a ser consolidada na Europa Ocidental, entre os anos 1550 e 1700, época em que ocorreu a chamada Revolução Científica, construída sobre uma concepção racionalista, utilitarista e mecanicista do mundo, na qual a natureza é despojada de qualquer vestígio de sacralidade, seja de concepção teológica, filosófica ou ideológica. René Descartes é considerado como o maior expoente da ruptura entre o ser humano e o mundo, eis que deposita na razão humana a possibilidade de dar significado ao mundo. O homem passa a ser colocado no centro do Universo. A razão, compreendida como a capacidade do homem de pensar, questionar, buscar e conhecer, desprovida de mitos e de significações pré-concebidas, seria a única condição de existência de fundamentos certos à compreensão do mundo. Com base nessa visão, os objetos naturais perdem a capacidade de significar para o homem algo que transcendesse sua mera instrumentalização. (MORIMOTO, C., et al. 2009, p.5).

A literatura desempenha um papel fundamental ao simbolizar o sujeito em sua integralidade. É por meio dela que encontramos representações humanas que exploram a complexidade da experiência humana. Nesse sentido, Antônio Candido (1999) destaca a literatura

como uma forma de confirmar a humanidade do homem. Ele argumenta que a literatura é capaz de revelar a diversidade de perspectivas, sentimentos e experiências que compõem a condição humana.

Nesse sentido, propomos a utilização da obra "A Máquina Parou" como uma ferramenta pedagógica para o ensino de Geografia. Ao explorar os temas e conceitos abordados na narrativa distópica de E.M. Forster, os estudantes poderão aprofundar sua compreensão sobre o espaço geográfico e as relações sociais que o constituem.

No próximo tópico, discutiremos de que maneira a obra "A Máquina Parou" pode ser aplicada no ensino de Geografia, apresentando possíveis atividades e reflexões que estimulem a análise crítica e a reflexão dos estudantes sobre os aspectos geográficos e sociais presentes na obra literária.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo foi baseada em uma abordagem qualitativa bibliográfica. Por meio de uma revisão sistemática da literatura, foram selecionadas obras relevantes que abordam a relação entre Geografia e Literatura. A análise foi realizada por meio de uma leitura crítica e reflexiva dos textos selecionados, identificando os principais conceitos, debates e perspectivas apresentados pelos autores. A partir dessa análise, foram extraídas informações pertinentes para a compreensão da temática e a elaboração do presente artigo. A pesquisa bibliográfica permitiu a exploração de diferentes pontos de vista e contribuições teóricas sobre o assunto, proporcionando uma base sólida para a discussão proposta.

4 LITERATURA “A MÁQUINA PAROU” COMO PROPOSTA PARA ENSINO DE GEOGRAFIA

A literatura, como mencionado anteriormente, desempenha um papel significativo na formação do sujeito, uma vez que é produto de um processo de construção social. Ela é capaz de levantar questionamentos profundos sobre a sociedade, o mundo e as coisas que nos cercam.

Além de sua estrutura e forma estética, a literatura também possui uma função social, refletindo e retratando aspectos importantes da realidade.

Segundo Antônio Cândido (1999, p.83) a primeira função da literatura é psicológica, pois todos nós temos a necessidade de sonhar, imaginar e pensar. A fantasia contribui diretamente para esse processo. Como é necessário o alimento para o corpo é preciso à arte para o espírito. “A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão”.

A ficção além de alimentar o espírito permite pensar outra realidade, novas possibilidades que reverbera em um olhar diferente sobre as coisas - desnaturalizar o olhar e propor novos modelos de compressão dos fenômenos sociais. Eis a força da literatura, “interessada não apenas pelo que se passou, mas também no que pode ser e pode vir a ser, a exemplo da ciência e em contraste com tantas disciplinas acadêmicas voltadas insistentemente para o passado [...] (TEIXEIRA, C. 2018, p.9).

Essa necessidade de ficção se manifesta a todo o momento,” aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota” nesse caso se justifica interesse pela função da literatura que é uma das formas mais ricas de sistematizar e estruturar a fantasia. (CÂNDIDO, 1999, p.83).

O livro "A Máquina Parou", escrito pelo autor britânico Edward Morgan Forster (1879-1970), é uma novela publicada em 1909. A obra narra as aventuras dos personagens Vashti e Kuno em um futuro indeterminado, onde todas as coisas são controladas por máquinas e inteligência artificial. O cenário principal da narrativa é o subsolo do planeta Terra, onde as pessoas vivem em quartos hexagonais.

Edward Morgan Forster, por meio de sua obra, consegue levantar questionamentos sobre a vida moderna e suas consequências para a humanidade. Ele é considerado um humanista no sentido clássico, adaptado para a versão moderna. Além de "A Máquina Parou", Forster é autor de diversos romances consagrados, que foram adaptados com sucesso para o cinema em anos recentes. A ficção dita científica – embora mais adequada fosse apresentá-la como ficção social [...]” (TEIXEIRA, C. 2018, P.9). O autor se orientava levando em consideração quatro vetores por ele mesmo enunciado:

[...] curiosidade, uma mente livre e aberta, bom gosto e crença na raça humana [...]. Mesmo que três deles estejam agora fortemente abalados: a mente aberta, o bom gosto e a crença na raça humana. O primeiro está sendo escondido embaixo do tapete pelo simplismo ideológico, pelo populismo e pela demagogia como poucas vezes na história. (TEIXEIRA, C. 2018, p.9).

Apesar de ter sido escrito em 1909, o livro "A Máquina Parou" é notavelmente atual em sua narrativa e nas questões que aborda. Surpreendentemente, se alguém não soubesse a data de sua publicação, poderia facilmente pensar que foi escrito apenas alguns anos atrás por Edward Morgan Forster .

"A Máquina Parou" é uma novela de ficção científica que se passa em um futuro indeterminado, em um planeta Terra devastado ecologicamente. Nesse cenário distópico, as pessoas são forçadas a viver no subsolo devido à toxicidade do ar na atmosfera. Elas habitam quartos hexagonais, onde são completamente controladas por uma poderosa e onipresente "Máquina" central.

A história se desenrola em torno de Vashti e seu filho Kuno. Enquanto a maioria das pessoas aceita passivamente sua existência restrita aos quartos e à supervisão constante da Máquina, Kuno anseia por uma vida mais livre e genuína. Ele busca uma forma de se libertar do controle opressivo da Máquina e descobrir uma realidade fora do confinamento subterrâneo.

O livro está dividido em três partes que marcam diferentes estágios da jornada de Kuno: "A Nave Aérea", onde ele questiona a vida no subsolo e anseia por explorar o mundo exterior; "O Dispositivo Reparador", em que ele se aventura a desafiar as restrições da Máquina; e "Os Desabrigados", quando Kuno e outros quebram as normas estabelecidas e enfrentam as consequências de sua rebelião.

Essa obra de ficção científica oferece uma visão provocativa sobre o futuro da humanidade, explorando temas como alienação, dependência da tecnologia, busca pela individualidade e a importância da conexão humana. Através da narrativa envolvente e da ambientação distópica, Edward Morgan Forster conduz o leitor a refletir sobre as complexidades do mundo moderno e as consequências de uma sociedade excessivamente controlada.

Certamente, o livro "A Máquina Parou" pode ser uma ferramenta valiosa para abordar questões contemporâneas nas aulas de Geografia. A tratar temas como globalização, dependência

tecnológica e consequências sociais, a obra oferece aos estudantes a oportunidade de refletir sobre as realidades atuais e suas implicações para a vida cotidiana.

A discussão sobre a globalização pode ser enriquecida ao analisar como a sociedade retratada na novela depende da Máquina para suprir suas necessidades básicas, destacando a interconexão entre diferentes partes do mundo e os efeitos dessa interdependência. Os alunos podem refletir sobre os benefícios e desafios da globalização, considerando aspectos como o comércio internacional, as migrações e as desigualdades econômicas e sociais.

Assim, o livro estimula a análise crítica da relação entre humanidade e tecnologia. Os estudantes podem examinar os efeitos da dependência excessiva da tecnologia em suas próprias vidas, discutindo como a crença na tecnologia como solução para todos os problemas pode ter consequências negativas para o desenvolvimento humano, como a perda da autonomia, a alienação social e a falta de conexão emocional.

A interpelar esses temas, os estudantes da disciplina de geografia serão desafiados a pensar criticamente sobre as dinâmicas contemporâneas do mundo, desenvolvendo habilidades analíticas e reflexivas. A literatura, nesse contexto, torna-se uma ferramenta poderosa para estimular o pensamento crítico e a conscientização sobre as complexidades do nosso tempo.

Infelizmente, é comum a confusão entre desenvolvimento tecnológico e desenvolvimento humano, tratando-os como sinônimos. Essas duas noções estão distantes uma da outra. Enquanto o desenvolvimento tecnológico está relacionado à produção de objetos e avanços materiais, o desenvolvimento humano está ligado à construção da sociedade por meio de relações interpessoais sensíveis e racionais, que resultam em uma estrutura social mais igualitária e justa.

É importante destacar essa distinção para que as pessoas compreendam que o progresso tecnológico por si só não garante o bem-estar e a realização plena dos indivíduos e da sociedade como um todo. É necessário considerar também as dimensões humanas, emocionais e sociais na busca por um desenvolvimento verdadeiramente sustentável e inclusivo. Segundo Furtado (1974, p.75) a ideia de desenvolvimento econômico tem sido uma fábula:

[...] graças a ela tem sido possível desviar as atenções da tarefa básica de identificação das necessidades fundamentais da coletividade e das possibilidades que abrem ao homem os avanços da ciência, para concentrá-las em objetivos abstratos como são os investimentos, as exportações e o crescimento.

A obra proporciona uma reflexão acerca do desenvolvimento, questionando até que ponto o desenvolvimento econômico e tecnológico é positivo para a humanidade e como podemos aproveitá-lo da melhor forma.

Na primeira parte do livro, intitulada "I - A nave aérea", o autor explora as tecnologias de comunicação e seu impacto nas relações humanas. Ele nos convida a refletir sobre essa influência e como essas tecnologias condicionam e moldam nossas interações sociais. Um exemplo revelador dessa abordagem pode ser encontrado na seguinte citação:

Tenho certeza de que você fica rezando para ela quando não está se sentindo bem. Foram os homens que a construíram, não se esqueça. Grandes homens, mas homens, apenas. A Máquina é muito importante, mas não é tudo. Vejo alguma coisa que se parece com você nesta placa, mas não é você que estou vendo. Ouço alguém que soa como você neste telefone, mas não é a você que escuto. Por isso quero que venha aqui. Venha me visitar, poderemos nos ver pessoalmente e falar das esperanças que tenho agora (FORSTER.E.M. 2018, p.19).

Nessa cena, Kuno estabelece uma conversa com sua mãe Vashti através de uma tela, levantando questionamentos profundos sobre a natureza dessa comunicação mediada pela tecnologia. Ele indaga até que ponto a tela é capaz de transmitir sua mensagem de forma autêntica e como essa interação se torna artificializada, mesmo que aparentemente próxima, distante de uma verdadeira conversa pessoal.

O diálogo entre Kuno e Vashti expõe as limitações da comunicação por meio das telas, evidenciando a falta de autenticidade e de elementos essenciais da comunicação interpessoal, como o contato visual, as expressões faciais e os gestos corporais. A tecnologia, embora possibilite a conexão virtual, cria uma distância emocional e sensorial entre as pessoas, resultando em interações menos genuínas. Ela não tinha certeza, a Máquina não transmitia nuances da expressão. Apenas dava uma ideia geral da pessoa – uma ideia boa o bastante para os efeitos práticos [...] (FORSTER.E.M. 2018, p.20).

Essa relação, diria o sociólogo Zygmunt Bauman (1925-2017), é típica da pós-modernidade, de um mundo líquido, onde conversamos com centenas de pessoas sem sair de

casa, mas ao mesmo tempo estamos sozinhos em nossos quartos, e essas relações são muito frágeis e pouco duradouras.

O contato face a face é substituído pelo contato tela a tela dos monitores; as superfícies é que entram em contato. Twitter, “surfing”, o meio de locomoção preferido em nossa vida agitada, cheia de oportunidades que nascem e logo se extinguem, afinal chegou à comunicação inter-humana”. (BAUMAN 2013, p.27).

No contexto retratado no livro, é evidente que as pessoas dedicam grande parte de seu tempo conectadas à internet, seja para fins de trabalho, estudo ou entretenimento. Essa realidade se tornou ainda mais intensa durante a pandemia de COVID-19, na qual muitas atividades migraram para o ambiente on-line. Assim como no livro, é comum encontrarmos indivíduos que passam dias isolados em seus quartos, mergulhados na internet, sem desenvolver relações pessoais presenciais.

O sociólogo Zygmunt Bauman fornece exemplos claros desse contexto e destaca a dependência dos jovens em relação a certas redes sociais. Suas reflexões nos permitem examinar a seguinte citação:

“O professor Jonathan Zimemrman, da New York University, observou que três entre quatro adolescentes norte-americanos gastam todos os minutos do seu tempo útil em bate-papos no Facebook ou no MySpace. Eles são, por assim dizer, viciados em fazer e receber sons eletrônicos ou imagens, diz o professor. As páginas de bate-papo são novas drogas poderosas em que adolescentes se viciaram”. (BAUMAN 2013, p.13 e 14).

Atualmente, muitas pessoas estão ficando com medo de não poderem se conectar à internet. Há indivíduos que não conseguem viver longe de seus celulares, tratando esses dispositivos como uma extensão de seu próprio corpo. Essa dependência da tecnologia acarreta consequências nas relações humanas, tornando-as mais fluidas e superficiais, como podemos identificar ao longo da narrativa. De acordo com Zygmunt Bauman:

“quando deixamos o celular em casa, esquecemos de recarregar a bateria, perdemos o aparelho ou ele nos é roubado (tem gente que confessa que sair sem celular é como está caminhando na rua despido e indefeso, duplamente humilhado, pela vergonha mortal e incapacidade de fazer qualquer coisa a respeito)”. (BAUMAN 2013, p. 144).

O quarto onde os personagens ficavam eram conectados a tudo, era preciso apenas apertar um botão para que tivesse acesso à comida, música, roupas, tudo sem precisar sair do lugar, e isso era suficiente para eles viverem tranquilos, uma descrição muito próxima de nossa realidade social, caracterizada pelo consumo e conforto cuja premissa é “satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pôde realizar ou sonhar” (BAUMAN 2007, p.106).

Outro ponto que merece destaque na primeira parte é a descrição de um mundo exatamente igual por toda parte: Pouca gente viajava naqueles dias já que, graças à ciência, a Terra era exatamente igual por toda parte. [...] As pessoas raramente moviam seus corpos, toda agitação estava confinada à alma” (FORSTER.E.M. 2018, p.25-26).

A globalização impõe atualmente uma lógica padronizadora na maneira de organizar o espaço e a circulação de mercadoria, e também os hábitos da população. “O novo padrão que tenta moldar a sociedade vai, gradativamente, diminuindo as distâncias em nível planetário, ao ponto de, na sociedade-mundo” concebe-se uma distância nula, pois todos os lugares da terra pertencem a uma mesma lógica. (HAESBAERT, R. 1999, p.17). “Entretanto, a globalização é um paradoxo: é muito benéfica para muito poucos, mas deixa de fora ou marginaliza dois terços da população mundial”. (BAUMAN, 1999, p.78).

Zygmunt Bauman discute em seu livro intitulado “Globalização: as consequências humanas” (1998) os processos de modificação que ocorreram com advento do processo de globalização, buscando desmistificar e mostrar, de fato, suas faces contraditórias. Ele retrata algumas mudanças na arquitetura da cidade, privilegiando a circulação de mercadoria, e prevendo a morte da rua como conhecemos, como lugar de socialização.

Para a Cidade Radiante do futuro, a norma da arquitetura consciente de sua vocação significaria, portanto, a morte da rua como a conhecemos — esse incoerente e contingente subproduto da história construtora, descoordenada e assincrônica, campo de batalha de usos incompatíveis, sítio do acidental e do ambíguo. As pistas da Cidade Radiante, assim como seus edifícios, serão destinadas a tarefas específicas; no seu caso, à tarefa exclusiva do tráfego, do transporte de pessoas e bens de um lugar funcionalmente determinado a outro, e essa função exclusiva será expurgada de todas as atuais perturbações causadas por caminhantes sem rumo, ociosos, gente a flunar ou simplesmente passantes ao acaso. (BAUMAN, 1999, p.49).

A primeira parte do livro insere o leitor nesse mundo movido pela Máquina, de múltiplas relações por intermédio de redes de comunicação, que revoga as relações presenciais, como podemos observar neste trecho [...] As pessoas nunca tocavam umas nas outras. Esse costume tornara-se obsoleto, devido à Máquina. (FORSTER.E.M. 2018, p.29).

A obra retrata de maneira significativa o distanciamento humano como uma temática central, evidenciando como a presença da máquina na vida das pessoas acarreta dificuldades e desconforto no momento em que elas se encontram pessoalmente. O autor busca ilustrar os sentimentos de ansiedade, medo e desconforto que surgem diante desses encontros, expondo a incapacidade das personagens em lidar com essa situação.

Na segunda parte do livro “A Máquina Parou” intitulado de “O dispositivo Reparador” o personagem Kuno conta sua aventura ao tentar sair do subsolo em direção a superfície terrestre. Nesse sentido, o personagem trata de construir a noção de espaço, uma vez que nascem e crescem dentro dos pequenos quartos, onde são servidos e controlados pela Máquina, como podemos notar nesse trecho: “Você sabe que perdemos o sentido do espaço. É comum dizer ‘o espaço foi abolido’, mas não abolimos o espaço, apenas seu significado. Perdemos uma parte de nós mesmos” (FORSTER.E.M. 2018, p.37).

Nesse caso personagem levanta questão sobre a noção de espaço, que de certa forma se aproxima da atualidade, pois com os avanços da tecnologia em conjunto com os transportes o espaço foi aparentemente reduzido. Esse tema é discutido amplamente no livro *Condição Pós-Moderna* do geógrafo David Harvey. A pós-modernidade modificou a percepção do espaço, pois o comprimiu:

A intensidade da compreensão do tempo-espaço no capitalismo ocidental a partir dos anos 60 nos indica um contexto experiencial que confere à condição da pós-modernidade algo um tanto especial gerado pelas pressões da acumulação de capital e a redução do espaço por meio do tempo e também da redução do tempo de giro. A mudança da experiência do espaço e do tempo teve muito a ver com o nascimento do modernismo e a relação do espaço temporal. (SANTOS, E. 2001, p.182).

No segundo capítulo do livro, observamos a transformação do personagem, que inicialmente se encontra atrofiado e fraco devido ao confinamento e à dependência excessiva da Máquina. No entanto, à medida que ele se aventura em caminhadas prolongadas e busca compreender a noção de espaço e tempo, algo extraordinário ocorre: sua força muscular se desenvolve em paralelo com seu crescimento cognitivo.

Metaforicamente, o personagem adquire músculos não apenas no sentido físico, mas também no sentido de fortalecer sua consciência e compreensão do mundo ao seu redor. À medida que ele se torna mais consciente de seu lugar no mundo e de sua capacidade de tomar decisões independentes, sua força física se manifesta como uma expressão tangível de sua força cognitiva e emocional. Esse ato de consciência emerge no seguinte trecho:

[...] Criamos a Máquina para que fizesse nossas vontades, mas agora já não podemos fazer com que atenda nossos desejos. Ela nos roubou o sentido do espaço e o sentido do tato, borrou todo tipo de relação humana e reduziu o amor a um ato carnal, paralisou nossos corpos e nossas vontades e agora nos obriga a idolatrá-la. (FORSTER.E.M. 2018, p.43).

Na terceira e última parte do livro, denominada de “Os desabrigados” ocorre o clímax da narrativa, no qual o autor expõe o quanto à humanidade passou a consagrar a tecnologia, a mesma percebida como redenção da fragilidade humana, capaz de suprir todas as necessidades. A relação entre sociedade e Máquina expõe a incapacidade da primeira viver sem a última. “Uma crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia” (CASTELIS, 2003 p.53). No texto, essa relação é marcada na seguinte passagem: “A Máquina, disseram, nos alimenta e nos veste e nos dá um teto; através dela nos comunicamos, através dela nos vemos uns aos outros, nela encontramos nosso ser” (FORSTER.E.M. 2018, p.53).

De acordo com Teixeira Coelho (2018) o cenário descrito por E.M Forster em sua narrativa está próximo à realidade atual, em que vivemos dependentes da tecnologia, não conseguimos desvincular dela, seja para nos comunicarmos, consumirmos e produzirmos, é difícil pensar o mundo sem as tecnologias que temos hoje.

Hoje, ninguém mais está fora da caverna eletrônica e computacional, que ainda por cima é assediada pelas forças da barbárie pré-maquinal, mas que também se serve da máquina para destruir os sinais restantes da civilização. Nem mesmo os signos exteriores do que seja uma civilização, como a literatura e a poesia, deixam de ser simulacros: no mundo subterrâneo há máquinas que, a um pedido, entregam literatura e poesia; o narrador não explica como são feitos, mas tudo indica que são gerados pela máquina.

Nesse mundo subterrâneo, inclusive a música, poesia e literatura eram transmitidas pela máquina, é possível associar essas produções a Máquina como cita Teixeira (2018), onde a vida se tona um simulacro, inclusive os “signos exteriores do que seja uma civilização”.

Como na atualidade, essa busca excessiva por conforto e comodidade, levou ao consumo exacerbado de produtos, geralmente produzido de modo predatório que ocasiona sérios danos ao meio ambiente, na ficção esse fenômeno é retratado da seguinte maneira:

[...] a humanidade, em seu desejo de mais conforto, fora longe demais. Havia explorado excessivamente as riquezas da natureza. Quietamente, complacientemente, a humanidade mergulhava na decadência e progresso agora significava progresso da Máquina somente. (FORSTER.E.M. 2018, p.54).

O desfecho da obra como o nome sugere é definido pela efemeridade da Máquina, onde tal recurso passa a apresentar defeitos no decorrer da narrativa, resultando na precariedade da vida humana, que é gerenciada pelo mecanismo, até o momento em que a Máquina para e todos são desabrigados de seus quartos. O simulacro sustentado pela máquina se dissolve e subitamente os personagens se colocam em um mundo sem futuro, destruído ecologicamente, encontram fora do simulacro à humanidade e sua fragilidade. Conforme Teixeira (2018, p.89):

Aqueles humanos que passaram a viver abrigados e cuidados abaixo da superfície da Terra, como num casulo, cometeram o erro de construir uma máquina não-amigável [...] ou o equívoco de permitir que uma máquina construísse seu próprio desenvolvimento não-amigável. Cometeram o erro de não projetar, antes de construir a máquina ou enquanto ela se construía, medidas de controle que impedisse a IA de perseguir fins não convenientes à humanidade – e é exatamente esse o problema central enfrentado hoje pela computação.

O autor da obra reserva um desfecho trágico, que serve como um ponto de inflexão, incitando os leitores a pensar e refletir sobre o tipo de mundo que desejamos construir. Somos confrontados com uma escolha crucial: seguir em direção a um desenvolvimento tecnológico, econômico e financeiro a qualquer custo, lidando com suas consequências prejudiciais, ou optar por construir um mundo mais justo e humano.

Através dessa narrativa, somos instigados a considerar a utilização da máquina, representando a tecnologia, de forma benéfica, a fim de atender às necessidades humanas de maneira democrática e ambientalmente sustentável. Essa reflexão nos convida a repensar o papel da tecnologia em nossa sociedade e questionar se estamos priorizando o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas ou apenas buscando um avanço desenfreado, muitas vezes em detrimento de valores humanos essenciais.

Dessa forma, a obra "A Máquina Parou" pode ser uma ferramenta valiosa para ser trabalhada no ensino de Geografia, pois permite problematizar questões atuais e relevantes. Através da narrativa distópica e da representação de um mundo dominado pela tecnologia, a obra oferece oportunidades para discutir temas como:

- Dependência tecnológica: Os estudantes podem refletir sobre a crescente dependência das pessoas em relação à tecnologia e seus impactos na vida cotidiana, nas relações humanas e na construção do espaço social.

- Desigualdades espaciais: A obra aborda a divisão da sociedade em diferentes classes, com alguns habitantes vivendo em quartos confortáveis e outros em condições precárias no subsolo. Isso pode levar os alunos a refletirem sobre as desigualdades espaciais e sociais presentes na sociedade contemporânea.

- Consequências ambientais: O cenário pós-apocalíptico retratado na obra, em que o planeta Terra foi devastado ecologicamente, permite discutir as consequências das ações humanas sobre o meio ambiente e a importância de uma abordagem sustentável em relação ao uso dos recursos naturais.

- Impacto da globalização: A discussão sobre a influência da tecnologia na vida cotidiana, as relações virtuais e a diminuição das interações presenciais levanta questões sobre os efeitos da globalização e da sociedade em rede.

- Reflexões sobre o futuro: A obra instiga os alunos a refletirem sobre o tipo de futuro que desejam construir, levando em consideração os dilemas éticos, ambientais e sociais relacionados ao avanço tecnológico e ao desenvolvimento humano.

Ao abordar esses temas, os alunos têm a oportunidade de desenvolver habilidades críticas, promover discussões enriquecedoras e refletir sobre as implicações socioespaciais das transformações em curso na sociedade contemporânea. A obra "A Máquina Parou" reverbera como um recurso poderoso para estimular o pensamento crítico e a conscientização dos estudantes em relação às questões geográficas atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro "A Máquina Parou" do escritor britânico Edward Morgan Forster (1879- 1970) é uma proposta necessária para os tempos atuais, inclusive com avanço da globalização e suas consequências para a vida. O livro é de fácil entendimento possibilitando sua utilização no ensino fundamental e médio.

Segundo Antônio Candido (1918-2017), a literatura desempenha um papel fundamental na humanização. Essa dimensão humana deve ser considerada no ensino de Geografia, buscando combinar teoria e prática, além de conectar o conhecimento da disciplina com situações do dia a

dia do aluno. Isso permite que o aluno se veja como alguém capaz de provocar mudanças, e nesse contexto, a literatura assume um papel crucial como mediadora.

Assim, é de suma importância que sejam realizadas outras leituras que subsidiem o contato dos alunos com a obra, além de proporcionar explicações e diálogos por parte do professor. No caso do objetivo de trabalhar o tema da globalização, é essencial iniciar a discussão com a exploração do conceito e sugerir a leitura da obra "Por uma outra Globalização", de Milton Santos (1972-2001), assim como a indicação do filme de mesmo nome mesmo nome, disponível na plataforma YouTube.

Outro material que pode subsidiar a leitura da obra são os textos do filósofo Zygmunt Bauman (1925- 2017) que trata da pós-modernidade, além do livro do autor David Harvey denominado "Condição pós-moderna".

Em síntese, a leitura do livro "A Máquina Parou" é essencial, não apenas para o conteúdo em si, mas para formação humana e estímulo a leitura, contribuindo com a interdisciplinaridade, não restringindo o conhecimento a campos estanques de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Cegueira moral**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2013.

BAUMAN, Z. **Globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BROSSEAU, M. **Geografia e Literatura**. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, pp. 17-77.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Remate de males, 1999.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In Antonio Candido. O direito à literatura e outros ensaios. Coimbra: Angelus Novus, 2004. (Org.) Abel Barros Baptista.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet; reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

COLLOT, M. **Rumo a uma geografia literária**. Revista Gragoatá, Niterói, n. 33, p. 17-31, 2012.

FERNANDES, F. M. **Geografia e literatura (ciência e arte): proposições para um diálogo**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 33, jan./jun. de 2013, p. 167-175.

FORSTER., E. M. **A máquina parou**. São Paulo: Itaú Cultura: Iluminares, 2018.

FRÉMONT, A. **A Região Espaço Vivido**. Coimbra, Almedina. 1980.

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

GALVÃO, C. (2006). **Ciência na literatura e literatura na ciência**. Interações,. Disponível em: <file:///D:/DADOS/Downloads/305-Texto%20do%20Trabalho-685-1-10-20120405.pdf> . Acesso em: 23 de fev. 2022.

HAESBAERT, R; LIMONAD, E. **O território em tempos de globalização**. Geo Uerj, n. 5, p. 7, 1999.

MORIMOTO, C; SALVI, R. F. **As percepções do homem sobre a natureza**. IN: Encontros de Geólogos da América Latina, Montividel. Atas, p. 1-10, 2009, p,5.

OLIVEIRA, M. L. DE. **Geografia e Literatura: o conceito de território na trilogia Jogos Vorazes**. TCC (Graduação em Geografia). UEPB/CH/DG, Guarabira, 2018. 1 vol., il. 38 f.

SANTOS, E de F. S. HARVEY, DAVID. **Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. SÃO PAULO: LOYOLA, 1996. Revista de História Regional, 2001.

TEIXEIRA, C. **Paisagem com risco existencial**. São Paulo. Itaú Cultural. Iluminuras, 2018.